

O PAPEL DOS SENTIDOS NO PROCESSO DE CONHECIMENTO AGOSTINIANO

Discente: Francisco Guilherme Alves Correia¹; Orientadora: Prof^a. Dra. Ideusa Celestino Lopes; Coorientador²: Prof. Dr. Fabrício Klain Cristofolletti³

¹Mestrando Acadêmico em Filosofia, CENFLE, UVA; E-mail: guilhermealves_2012_@hotmail.com

²Docente/Pesquisadora, CENFLE, UVA; E-mail: ideusa_celestino@uvanet.br

³Docente/Pesquisador, CENFLE, UVA; E-mail: fabricio_klain@uvanet.br

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo investigar, a concepção de conhecimento presente nos diálogos de Agostinho de Hipona, e, mais especificamente, qual o papel dos sentidos para o conhecimento. A partir da metodologia da análise estrutural de Victor Goldschmidt, pretende-se defender a hipótese de que, nos diálogos agostinianos, desenvolve-se uma estrutura hierarquia ascensional que corresponde ao processo de conhecimento para Agostinho, processo esse que vai do corpóreo ao incorpóreo, de forma que os sentidos são entendidos como meios para a alma sentir os entes corpóreos. Neste sentido, busca-se compreender qual é exatamente o papel dos sentidos para o conhecimento em geral. Nosso resultado preliminar é que os sentidos são meios importantes para o processo de aprendizagem, ou seja, eles possuem um caráter pedagógico no processo gradual agostiniano, em que, para se chegar ao conhecimento inteligível, os sentidos são o passo inicial que precisa ser percorrido, entretanto, apenas como meio, e não como um fim.

Palavras chaves: Conhecimento; Sentidos; Processo gradual.

INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

A nossa pesquisa investiga qual a importância dos sentidos no processo de conhecimento desenvolvido por Agostinho de Hipona (354 - 430) em seus diálogos filosóficos, escritos no período de 386 a 395. Ele desenvolveu, ainda como catecúmeno, em Cassiciaco os quatro primeiros diálogos: *Contra Academicos*, *De Beata vita*, *De ordine* e os *Soliloquia*; depois já batizado, em Roma, desenvolveu os diálogos *De quantitate animae*, *De magistro*; e já como presbítero em Hipona os diálogos *De libero arbitrio*, *De musica*. Portanto, essas obras perpassam o período em que Agostinho se converte à Igreja católica, recebe o batismo de Ambrósio, bispo de Milão, até o período em que foi aclamado presbítero em Hipona (cf. BROWN, 2020. p. 90).

Temos como principal objetivo compreender qual o papel que os sentidos possuem no processo gradual de conhecimento, como também contribuirmos, com o vasto corpo de pesquisadores em Agostinho, uma vez que não temos, ao menos em português, muitos

trabalhos acadêmicos sobre essa problemática, motivo pelo qual justifica-se a importância dessa pesquisa.

Nossa problemática está inserida no que se poderia chamar, com certa cautela, de “teoria agostiniana do conhecimento”, já que não há, propriamente falando, um tratado sistemático onde a mesma tenha sido exposta por nosso filósofo. O que se pode dizer com certeza é que, na busca de compreender e possuir a verdade, ele desenvolve em vários diálogos um processo dialético hierárquico e gradual de conhecimento que vai desde o corpóreo ao incorpóreo (cf. *mus.*, VI, ii, 2), ou seja, desde o conhecimento das coisas sensíveis ao conhecimento dos entes inteligíveis.

Agostinho também deixa explícito em seus diálogos que o seu principal objeto de conhecimento é Deus e a alma (cf. *sol.*, I, ii, 8), destarte, para nosso filósofo, o conhecimento que traz a felicidade só pode ser o conhecimento inteligível, ou seja, quando a razão, “olhos da mente”, “vir” a Deus, ou seja, quando a razão atingir o conhecimento de Deus (cf. *an. quant.*, XXVII, 53). Nesse sentido, o conhecimento de Deus é finalidade do filosofar. (cf. *ord.*, II, v, 16).

Todavia, pode-se notar pelos diálogos agostinianos, que esse conhecimento de Deus, ou seja, a contemplação de Deus através da razão, não é algo de simples acesso, de tal modo que se faz necessário um processo gradual de conhecimento que parta desde os elementos mais simples, como os da percepção sensível, passando pelos da alma, até a sua superação por meio do conhecimento beatificador que se encontrará somente em Deus mesmo.

Agostinho compreende que, como fundamento real para tal processo cognitivo, existe entre os entes criados uma hierarquia ontológica, desde os mais ínfimos dos seres, que só existem, passando pelos seres que, além de existirem, possuem vida e/ou sensação, e, acima de todos, os seres humanos, os quais, além da capacidade de existirem e viverem, possuem a inteligência e a capacidade de pensar (cf. *lib. arb.*, II, iii, 7). Por conseguinte, dessa mesma forma ocorre a gradação gnosiológica agostiniana, partindo dos seres sensíveis, que só sentem e/ou são sentidos, passando pelo conhecimento da alma, para então chegar ao conhecimento de Deus.

A partir disso, portanto, desenvolve-se esta pesquisa, na medida em que, compreendendo que os entes sensíveis são os primeiros na gradação agostiniana e entendendo que as coisas sensíveis são apreendidas pela alma através da percepção dos sentidos, pode-se então perguntar: qual seria exatamente o papel dos sentidos para o processo geral de conhecimento independentemente do objeto a ser conhecido?

Para a questão apresentada, temos duas hipóteses complementares para o papel dos sentidos na teoria do conhecimento de Agostinho: na primeira, quanto ao conhecimento apenas inteligível, ou seja, o conhecimento de Deus e da alma, os sentidos possuem um papel pedagógico, ou seja, para se chegar ao conhecimento das coisas inteligíveis, seria conveniente o conhecimento de coisas sensíveis como passo preliminar do conhecimento da Verdade (cf. *sol.*, I, iv, 9). Na Outra hipótese, que é complementar à primeira, quanto ao papel dos sentidos apenas no conhecimento sensível, ou seja, dos entes que apreendemos pelos sentidos, os sentidos seriam meios estritamente necessários para este tipo de conhecimento (cf. *mag.*, XI, 37).

MATERIAL E MÉTODO

Utilizamos como metodologia o processo de análise estrutural, conforme exposto por Martial Gueroult (GUEROULT, 2007, p. 235), que, aplicado a nosso recorte textual, consiste na análise dos diálogos agostinianos, desde os de Cassiciaco até os que foram compostos após Agostinho tornar-se presbítero em Hipona. Tal análise busca perceber dentro dos

diálogos uma estrutura comum a todos eles, mesmo com temas tão diversos. Com essa estrutura, torna-se possível uma melhor sistematização da teoria agostiniana do conhecimento. Assim, conseguimos perceber, dentro das obras já citadas, o método hierárquico e ascensional desenvolvido por Agostinho em praticamente todos os diálogos. Essa estrutura serve como pressuposto para investigarmos a importância dos sentidos no processo de conhecimento agostiniano. Esse método auxiliará na tentativa de se perceber uma estrutura no processo estrutural do pensamento agostiniano, exposto nos seus diálogos. Para isso, também se faz necessário levantarmos uma bibliografia secundária em torno dessas questões acerca do conhecimento segundo o nosso filósofo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nossa pesquisa está inserida na linha de pesquisa Ontologia, Epistemologia e Linguagem do Mestrado Acadêmico em Filosofia da UVA, com previsão de conclusão em abril de dois mil e vinte e três. Em face disso, não temos ainda um resultado final; no entanto, temos alguns resultados parciais desse período de pesquisa.

Como foi apresentado, nosso objetivo é compreender o papel dos sentidos na teoria do conhecimento de Agostinho de Hipona, e, a respeito disso, levantamos duas hipóteses complementares, uma em que os sentidos são meios pedagógicos para o conhecimento inteligível, e outra em que existe a possibilidade de um conhecimento sensível em Agostinho, no qual os sentidos sempre estão necessariamente pressupostos.

Investigando os sentidos nos diálogos agostinianos, a primeira hipótese em que os sentidos são um meio pedagógico para o conhecimento, nos parece mais verossímil do que a hipótese complementar. O próprio Agostinho expõe essa hipótese quando se questiona se é conveniente utilizar-se dos sentidos para o conhecimento geométrico. Assim se lê:

Razão [...] Mas, como havíamos começado a perguntar, conheces a figura que chamam de esfera assim como conheces a linha?

Agostinho. Conheço [...]

R. Quanto a essas coisas, as percebeste com os sentidos ou com o entendimento?

A. Neste assunto, tenho experiência dos sentidos quase como que de uma nave. Pois quando eles me conduziram ao lugar de destino, onde os deixei, já como que em terra comecei a ponderar essas coisas com o pensamento; durante muito tempo vacilaram-me os pés. Pelo que parece-me antes que se possa navegar na terra do que conseguir a ciência geométrica com os sentidos, embora pareça que estes sejam de alguma ajuda para os que começam a aprender (*sol.*, I, iv, 9).

Partindo desse excerto, pode-se dizer que Agostinho estabelece que, para o conhecimento geométrico, entendido como inteligível, os sentidos auxiliam no começo, como meio de aprendizagem inicial, mas que, no entanto, é somente com a razão que pode-se chegar ao conhecimento de fato de tal ciência. Portanto, como resultado inicial, essa hipótese nos parece ter suficiente demonstrabilidade na filosofia de Agostinho, ou seja, os sentidos são meios convenientes, mas não estritamente necessários para se chegar ao conhecimento inteligível e, em última instância, beatificador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS ou CONCLUSÃO

Com a nossa pesquisa em desenvolvimento, buscamos compreender o papel dos sentidos no processo de conhecimento de Agostinho de Hipona, e, a partir disso, a primeira hipótese, que refere-se aos sentidos como meios para a aprendizagem parece-nos no momento bastante demonstrável conforme o pensamento de Agostinho em seus diálogos.

A compreensão dessa hipótese dos sentidos como meio pedagógico pode-se estender para o campo didático, pois, a partir da necessidade de se transmitir um conhecimento abstrato, o ensino parece dever utilizar os meios sensíveis para, num processo gradual, chegar ao conhecimento mais aprofundado, partindo daquilo que é mais simples até atingir os mais complexos.

Ainda assim, desenvolver-se-á melhor essa pesquisa, de forma a instigar a segunda hipótese (complementar) e, além disso, outras hipóteses eventualmente válidas para essa questão, de forma que se complemente a pesquisa com esse resultado apresentado.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Mestrado Acadêmico de Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú, pelo acolhimento desta proposta de pesquisa acadêmica, e assim também a todo corpo docente do MAF. Entre eles, a professora Dra. Ideusa Celestino Lopes que é responsável pela minha orientação nessa pesquisa, e o professor Dr. Fabrício Klain Cristofolletti, que me coorienta nas pesquisas e nos conceitos da filosofia agostiniana. Também agradeço aos colegas de turma, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo incentivo de uma bolsa de mestrado, que é muito importante para o andamento dessa pesquisa.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, SANTO. **A grandeza da alma**. Trad. e introd. de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2008. (Coleção Patrística, n. 24).
- AGOSTINHO, SANTO. **A Ordem**, Tradução: de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2008. 415 p. (Coleção Patrística, n. 24)
- AGOSTINHO, SANTO. **O livre-arbítrio**. Trad. de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995. 294 p. (Coleção Patrística, n. 8).
- AGOSTINHO, SANTO. **O mestre**. Trad. e introd. de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2008. (Coleção Patrística, n. 24).
- AGOSTINHO, SANTO. **Solilóquios**. Tradução, introdução e notas de Adaury Fiorotti, Nair de Assis Oliveira e Roque Frangiotti. Rev. de H. Dalbosco. São Paulo: 1998. 157 p. (Coleção Patrística, n. 11)
- BROWN, Peter. **Santo Agostinho, uma biografia**. Tradução: Vera Ribeiro. 12ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- GUEROULT, Martial. **Lógica, Arquitetônica e Estruturas Constitutivas dos Sistemas Filosóficos**. Revista: *Tras/Form/Ação*. São Paulo: v30 (1). p. 235 – 246. Julho/2007.